

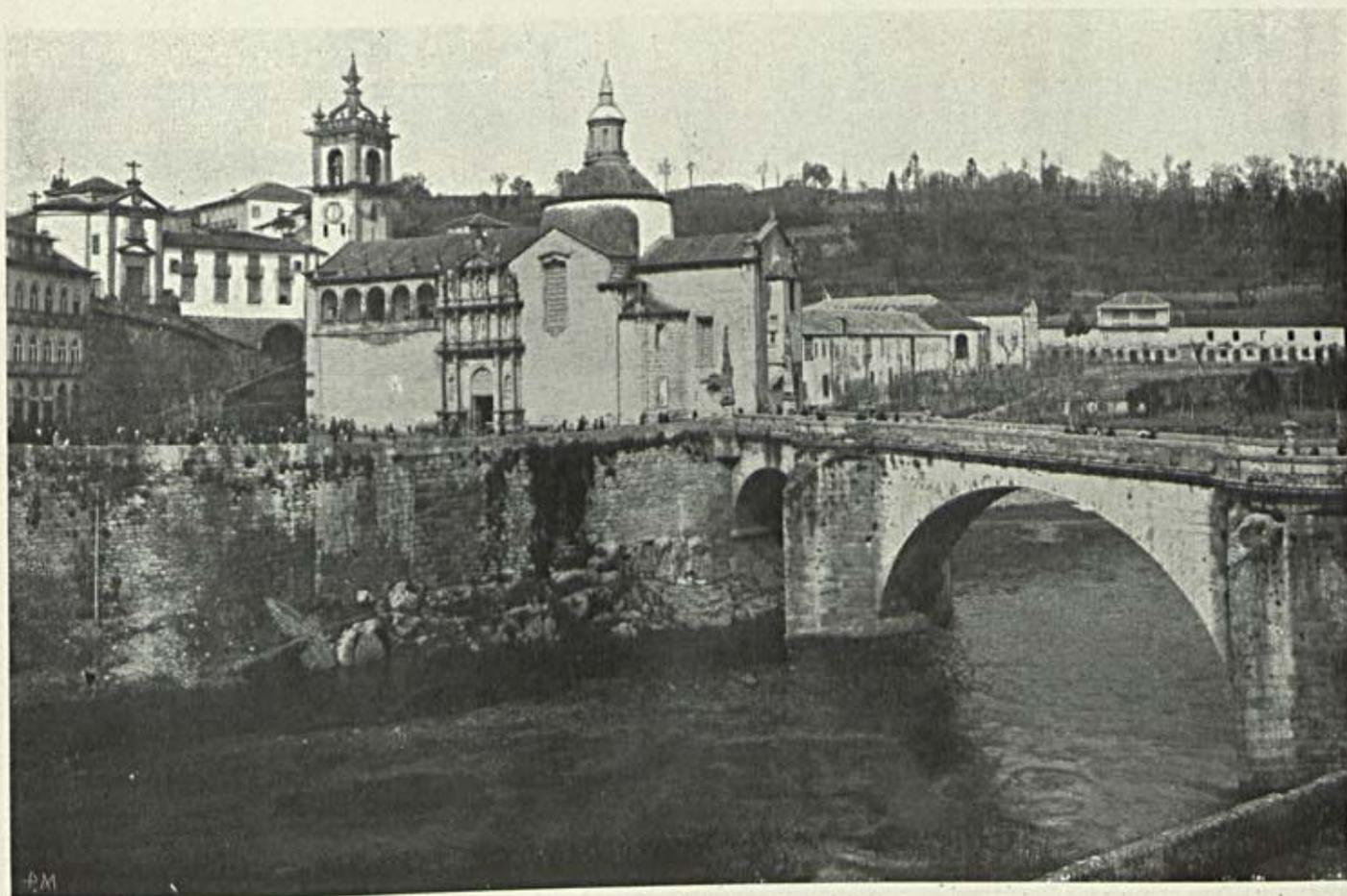
# BRASIL-PORTUGAL

DIRECTOR — Augusto de Castilho.  
PROPRIETARIOS — Victor & Lorjô.  
ADMINISTRAÇÃO — C. do Sacramento, 14.  
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — «A Editora», L. do Conde Barão, 50 — Lisboa.

1 DE AGOSTO DE 1909

N.º 253

## Centenario da Guerra Peninsular



Vista de Amarante

*O convento de S. Gonçalo e a ponte sobre o Tamega cuja heroica defeza contra as tropas francezas foi ha pouco celebrada*  
Cliché da photographia de Emilio Biel & C.ª — Porto).

# VIDA ELEGANTE

## EM EVIDENCIA

**D**isse alguém falando da mulher: E' um erro de grammatica dizer que o espirito pertence ao genero masculino, porque o espirito é essencialmente a mulher.

Passaram annos e nunca como agora essa verdade velha nos appareceu mais bella, vivida e brilhante. E' que a senhora D. Maria José Brandão de Mello de Magalhães possui, como ninguem, essa rara qualidade, tão gasta já, mas raras vezes verdadeira, no mais elevado grau da perfeição humana. Assim todos aquelles que d'ella se approximam, á sombra d'esse olhar acariciante e doce sentem-se



A sr.ª D. Maria José Brandão de Mello Magalhães

irresistivelmente presos pela graça imprevista que irradia do seu formosissimo espirito.

E ao vel-a passar, por essas ruas de Lisboa, de uma impecavel elegancia, tão sua, tão finamente aristocratica, nós temos a impressão de ver surgir perante nós uma d'essas harmoniosas figuras de mulher, immortalisadas pelo espirito e pela elegancia atravez d'al-guma tela celebre que indifferente ao tempo nos sorri, um gesto sempre moço, em toda a sua radiosa formosura.

Amando enternecidamente as flôres, com paixão e com carinho ella parece encontrar nas proprias violetas que jamais a abandonam o modesto encanto que dimana das suas filhinhas, que são como que o adoravel prolongamento da sua alada graciosidade.

Julho, 906.

Dominó.

## EM FÓCO

**Q**uatro motivos nos levam hoje a publicar o retrato do Visconde do Tojal. O primeiro e principal é o numero de seus velhos e verdadeiros amigos, o segundo é o estarmos na epoca em que toda a gente elegante vae para a sua Cintra, que elle tanto adora e onde estabeleceu residencia, e os outros dois

são o concurso hippico ultimamente realizado e as touradas por amadores que se annunciam, festas que, se se tivessem realizado ha meia duzia de annos, elle entraria nellas brilhando como sempre. Ainda nos lembramos, e com saudade, das suas *tiras e meias voltas* na cabeça dos touros e dos saltos que deu no celebre *Caturra*, n'uma exposição que houve ao cimo da Avenida.

Mas para que falar e dizer cousas do Visconde de Tojal, se elle de todos é conhecido? Dizer que elle foi, e ainda é, um bonito ho-



Visconde do Tojal

mem, escusado tambem, pois raro o coração feminino que não tenha palpitado ao vê-lo.

Hoje, casado acompanha sua esposa e filhos n'essa Cintra que, como todos, tanto lhe quer, e onde já tem occupado e occupa logares de importancia.

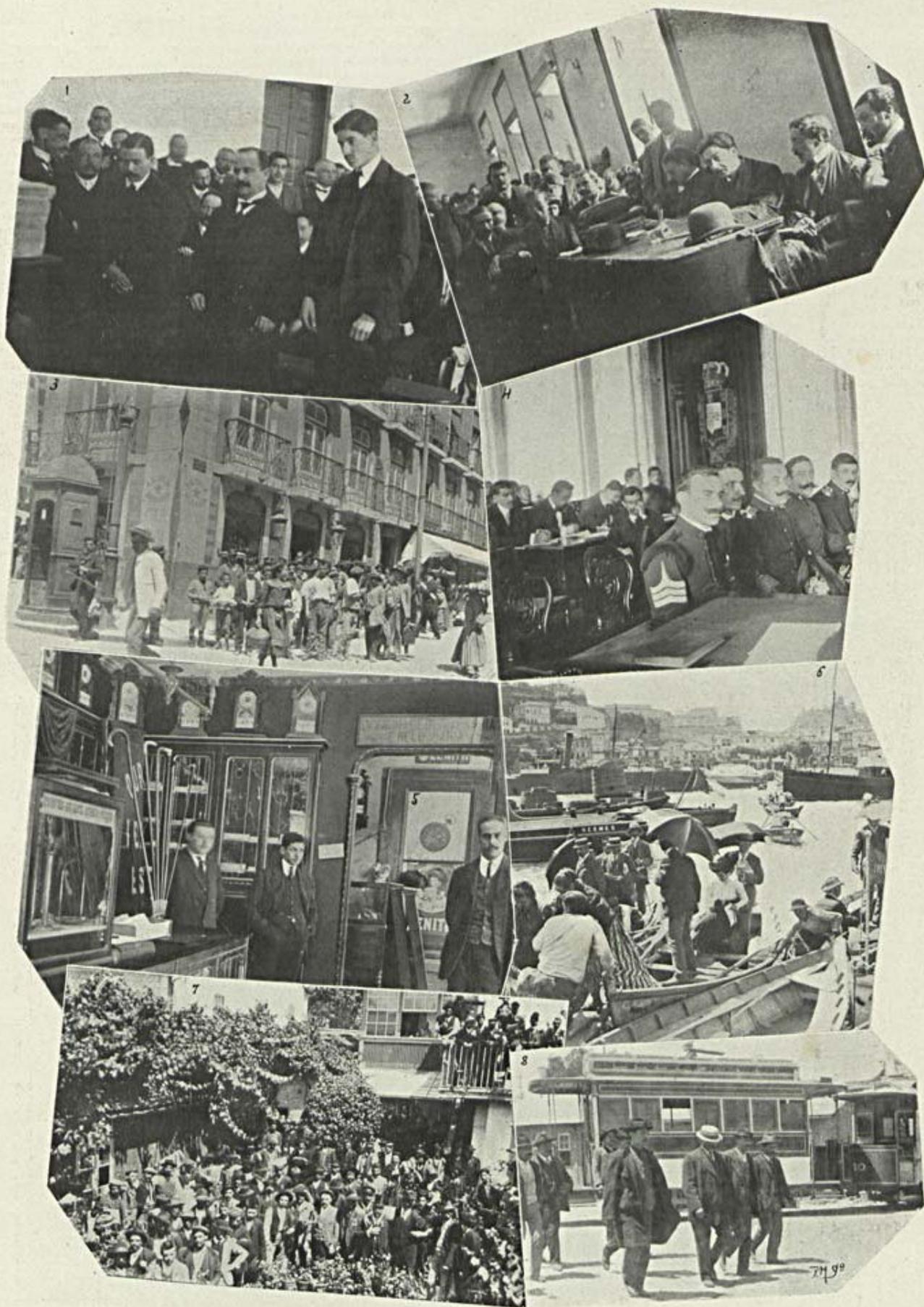
...E nós ficamos fazendo votos para que elle perdôe a publicação do seu retrato e d'estas linhas ao amigo.

Egroj.



As filhas da sr.ª D. Maria José Brandão de Mello Magalhães

# Os casos recentes



**1.** Os indigitados incendiarios do prédio da rua da Magdalena, Fernandez, Leandro e Eufrazio, no tribunal. — **2.** Os advogados dos reus, drs. Alexandre Braga, Martins de Carvalho e Cunha e Costa. — **3.** A proposito do roubo da ourivesaria da rua de S. Bento. A casa com escriptos por onde entraram os gatinhos. A' porta um grupo de curiosos. — **4.** Julgamento dos sargentos implicados no movimento de 28 de janeiro de 1908. — **5.** A ourivesaria da rua de S. Bento. O dono da casa e seus filhos. — **6, 7 e 8.** Grève do pessoal dos electricos do Porto. A sahida dos passageiros do Tritão que fazia serviço entre o Porto e a Foz do Douro. Um grupo de grévistas na Liga das Artes de Viação onde acamparam durante a grève. A commissão de defeza dirigindo-se aos escriptorios da Companhia Carris de Ferro para conferenciar com o conselho de administração.

## A quinze dias de vista...

Letras que não obrigam a protesto

*Calor e monotonia. Póv podre. O que dizem as gentes e o que dizem os jornaes. O papão racionario. Desta vez não mette medo ao menino. Parangonas, catilinarias e tropos, tudo erdido. A resurreição da Junta Liberal. Um dito engraçado. — Ainda o quadro do sr. Baeta. Propaganda internacional d'uma tolíce inconveniente. — A famosa feira d'Agosto. Quem gosta sopeteia. Musica. Uma iniciativa da camara municipal. E' boa mas podia ser melhor. Um alvitre.*

**O**s dias succedem-se, quentes e monotonos, doirados de sol e semsaborões, sem que um acontecimento, mesmo mesquinho, venha quebrar esta paz podre em que se está vivendo em Lisboa. Sahir á rua ou desdobrar um jornal, maneiras vulgares e honestas de saber o que vae por este mundo de Christo, é perder tempo e feito. As pessoas que encontramos, afogueadas e sequiosas, teem todos a mesma phrase na bocca: «Nada de novo : este calor horrivel — e já não é pouco» Os jornaes dizem a mesma coisa, acrescentando alguns que para cumulo da desgraça vêem ahí a toda a pressa as fogueiras da Inquisição, atiçadas pelo ultramontanismo, que é preciso combater a todo o

transe e por todos os meios, isto é, com discursos e jactos de agulhetas.

Este folhetim da *questão religiosa*, reeditado tantas vezes com successo, parece agora destinado a um tremendo fracasso. Já não ha meio de commover a opinião com elle. Por mais parangonas que se empreguem a toda a largura das primeiras paginas, por mais vehementes apostrophes que surdam das columnas compactas das gazetas, embora o sr. Faustino da Fonseca se esbofe a gritar que o pão de pataco tem baratas por causa da influencia nefasta do jesuita e o sr. dr. Bombarda tente provar scientificamente que os doidos fogem de Rilhafolles porque, n'um lampejo de rasão, veem a necessidade de vir para a rua pegar em armas contra os roupetas, o publico lê, o publico ouve, o publico boceja, o publico espreguiça-se e o publico termina sempre por dizer: — Pois sim senhor e mais umas botas!... — o que pouco mais ou menos significa: pois sim, mas não é com essas!»

O liberalismo militante está, n'este momento, nas precisas circumstancias de um habil emperezario theatral que se engana: reconhece que a peça actualmente em scena fracassou e pensa em substitui-la por outra que o compense dos prejuizos soffridos — o que é sempre muito difficil, mormente quando se tem o repertorio exgotado.

Esta não vae lá das pernas, como diz o vulgo. Podem amplia-a, corta-la, remenda-la; nada a salvará. A ideia, aliás boa, de resuscitar a velha Junta Liberal, e pôr-lhe a lingua demagoga a dizer tropos na Associação dos Logistas, essa mesma fracassou. A Junta Liberal teve, como tudo, a sua época. Viveu enquanto Dias Ferreira lhe ligou o prestigio do seu nome de velho patuleia. Mesmo em vida do illustre juriconsulto a Junta morreu d'aquella morte macaca com que o Destino põe termo ás existencias inuteis: ninguem se lembrava já d'essa palradora que por



## No imperio de Marrocos

A guerra entre a Hespanha e as tribus do Riff



**1.** O tenente-coronel do regimento de Melilla, D. Frederico Julio Ceballos, morto heroicamente no combate do dia 18 do mez findo. — **2.** O batalhão de caçadores de Merida embarcando para Melilla. **3.** Uma companhia da brigada disciplinar que pelejou valentemente contra os mouros n'um dos ultimos combates

Festa hippica realisada no picadeiro do professor de equitação  
sr. Joaquim Gonçalves de Miranda com o concurso de alguns dos seus discipulos



Joaquim Gonçalves de Miranda

fim adormecera para sempre embalada pelas proprias palavras, não deixando a sua existencia assignalada por um facto.

A sua ressurreição, agora, foi lastimavel. Foi uma desillusão para muita gente e eu conto-me no numero dos desilludidos. Lá estive, não porque o meu espirito liberal se sentisse alarmado pela aproximação d'um inimigo que não vejo, que não presinto, mas por curiosidade. Sim, por curiosidade — como todos os outros que lá estavam.

E depois? E depois, falou-se, falou-se, falou-se. Apoiou-se, apoiou-se, apoiou-se. E por ahí nos ficámos todos — que nenhum de nós foi lá para outra coisa. E se um liberal anonymo não se tem sahido com uma irreverencia, essa memoravel sessão resultaria uma memoravel masada.

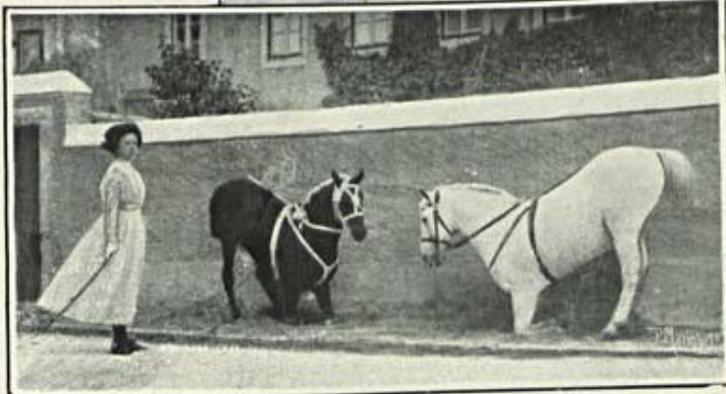
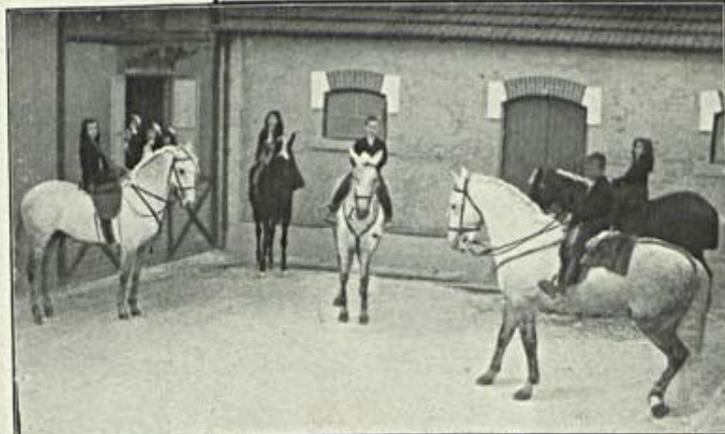
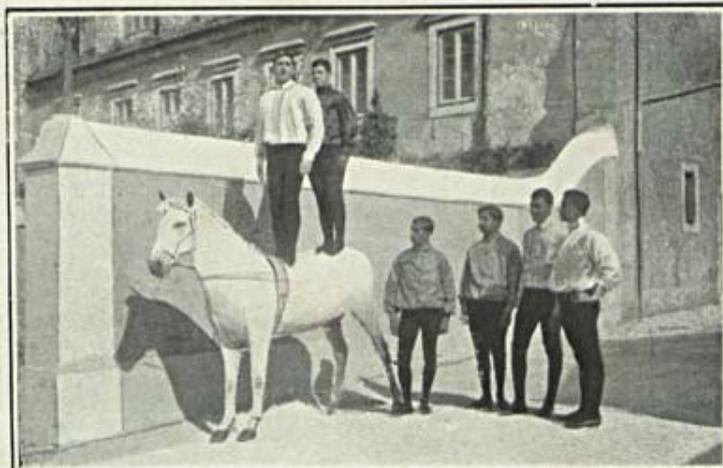
Foi assim. Quasi no final da sessão, um cavalheiro pediu a palavra. Deram-lh'a. E o cavalheiro começou n'estes termos:

— Meus senhores! Sou pae ha tres dias.

Interrupção do anonymo:  
— Deixe lá ver o menino!

.....  
Quem era este anonymo?

Ora, quem havia de ser — um jesuita!



As festas sportivas que se tem realisado no picadeiro Miranda, e das quaes damos hoje algumas gravuras acompanhando o retrato d'aquelle distincto professor de equitação, dão uma nota de destaque, á vida elegante de Lisboa. A' ultima, concorreu a melhor sociedade, que em grande numero admirou e applaudiu os excellentes trabalhos executados com o concurso das meninas D. Maria Helena Freire, D. Eva Avila, D. Maria Emilia Collares Pereira, D. Ida Espinheiro e dos srs. Jorge Freire, João Collares Pereira, Boaventura Bello, José Mascarenhas de Menezes, Oscar Freitas, João Pereira, Fernando Craveiro Lopes e Duarte Pereira.

(Clicés de A. C. Lima).

Que nós importemos tudo do estrangeiro, vá; que para lá não exportemos nada, seja; mas que abrámos para este ultimo caso uma excepção em favor da asneira, cá me quer parecer um pouco forte.

Recordam se, sem duvida, d'aquelle famoso quadro da exposição Grandella, de que lhes falei ultimamente, represen-

tando o sr. dr. Bernardino Machado de muito boas avencas com Nosso Senhor Jesus Christo? Pois alguém teve a soberba ideia de reproduzir esse trabalho em bilhetes postaes, destinados á provincia, que não pode apreciar a maravilha, e ao estrangeiro, que mais uma vez vai apanhar a sua barrigada de riso á nossa custa.

Eu lastimei na minha ultima chronica a ideia da tela e a sua exhibição pelo muito respeito que tenho por Christo e pela consideração que a todos merece uma pessoa illustre e digna como o sr. dr. Bernardino Machado. Hoje tenho de reduzir a metade a minha lastima, mantendo-a por via do respeito ao Redemptor. Isto porque, segundo gazetas affectas ao sr. dr. Bernardino Machado e pessoas de sua privença, o illustre caudilho republicano ficou até muito lisongeadado com o caso. Ora ainda bem.

Como quer que seja, porém, é tambem para deplorar a ideia dos postaes. N'outro qualquer paiz, em França por exemplo, o quadro bastaria a matar pelo ridiculo o homem publico de mais solida popularidade. Se lá apparecesse aquillo, o sr. dr. Bernardino Machado era um politico liquidado. Seria o caso de dizer: quem matou o Bernardino foi o Baeta. Sua excellencia daria assumpto para mil e uma cançonetes dos cabarets de Montmartre e faria a fortuna do Aristides Bruant.

Aqui, não. Entre nós ou se applaude a mãos ambas aquella acção má, embora inconscientemente praticada, ou se é *thalassa* e burro, como me chamaram.

Pois senhores: pela primeira vez na minha já longa existencia reconheço as vantagens de ser burro!

E' como lhes digo.

Lá está no alto da Avenida da Liberdade, outra vez, a chamada feira de Agosto, pseudonymo elegante da trapalhona feira de Alcantara para alli transferida com licença prévia da camara de Lisboa.

Já tive occasião de dizer, a proposito d'esta transferencia, no anno passado, o que o meu senso esthetico e o proprio senso commum mandam dizer em circumstancias analogas. A feira, que estava rasoavelmente em Alcantara, está pessimamente na rotunda da Avenida, porque em nada melhorou, mantendo a sua pelintrice, a sua miseria, a sua triste vulgaridade. N'aquel-

le bairro, de operarios, marujos e soldadesca, entende-se, justifica-se e até se applaude. Cá em cima, ao termo da primeira arteria da cidade, sob jorros de luz electrica, ella é ainda mais hedionda, com as suas baracas miseraveis, o seu acetylene nauseante, o seu frigr de peixe fedorento.

Mas, como muita gente está satisfeita com o caso, deixemos em paz a feira e que gose as delicias do spectaculo e sopeteie quem por ella morre d'amores. A obrigação da camara municipal é trazer os seus municipios contentes e para tal fim não tem ella processo melhor que proporcionar-lhes distracções gratuitas. E d'isso está ella convencida. A prova é que acaba de obter dos ministros respectivos auctorisacão para que as bandas militares e a dos marinheiros toquem em determinados dias da semana no Rocio e no Terreiro do Paço.

A lembrança é digna de applauso, conquanto sejam mal escolhidos os locais. Havendo em Lisboa jardins em pontos distantes, onde a popu-

queda do gigante, com que a lisonja de alguns serviçaes se comprazia em comparal-o!...

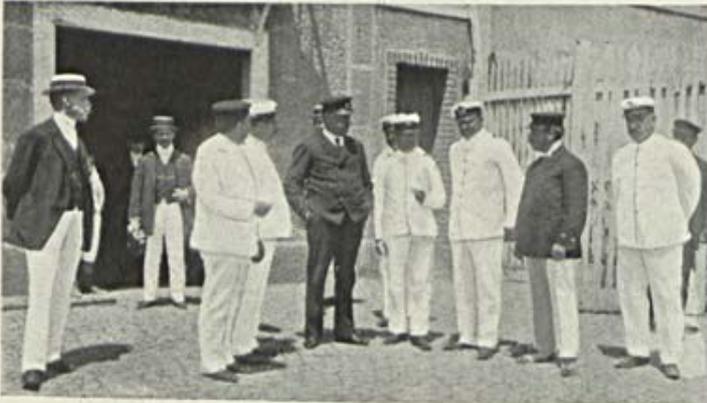
O que é importante para a Allemanha não é a queda de Bülow, mas os motivos reaes que a determinaram, e a nova situação politica creada pela dissolução do bloco liberal-conservador. A nomeação do novo chanceller tem tambem uma importancia secundaria, dada a completa dependencia em que este funcionario está do imperador, que de resto não consentiria a seu lado uma individualidade que quizesse ter ideias proprias e governar livre de qualquer pressão. O successor de Bülow ou ha-de ser um aulico que por falta de rijeza de caracter não resista à vontade do Kaiser, ou um mediocre que por apoucada intelligencia lhe tenha que soffrer a influencia dominadora. Em qualquer dos casos não será o chanceller de que a Allemanha precisa, para a fazer sahir com mão segura das difficuldades internas e externas em que ella actualmente se debate.

Mas se a nomeação do novo chanceller não tem importancia, tem-na e grande a evoluçào dos partidos que no Reichstag acaba de se realizar, e a propria attitudo que o parlamento imperial assumiu na questão da reforma financeira. Não ha duvida que aparentemente a evoluçào official da politica allemã se fez no sentido da reacção. O antigo bloco liberal-conservador, que nos dois grupos liberaes, que a elle pertenciam, dava uma certa garantia à nação, foi substituido por um bloco centro-conservador, quer dizer clerical e reaccionario, que inaugurou o seu advento parlamentar pela rejeição do imposto democratico sobre as heranças e pela approvaçào dos impostos sobre a cerveja, chá, café, etc., que vão directamente pesar sobre as classes populares, difficultando-lhes ainda mais a existencia. Sob este ponto de vista não ha duvida que a anterior situação parlamentar era preferivel à actual.

No entretanto a reacção, que no paiz deve levantar o predominio do grupo clerical-reaccionario, ha-de contribuir para reanimar o sentimento liberal, enfraquecido nos últi-

## Notas de "sport,"

Passeio á Vela do Real Club Naval dirigido pelo senhor Infante D. Affonso



Sua Alteza na sede do Real Club Naval

lação remediada e pobre vai procurar habitação, não faz sentido a musicata no Terreiro do Paço e no Rocio. Porque não foram preferidos os jardins da Estrella, Principe Real, S. Pedro d'Alcantara, Estephania? Não só os locais são mais apropriados como seria muito louvavel a concessão de uma regalia á pobre gente dos bairros excéntricos que, relativamente a musica, se regala com o tam-tam longiuquo dos electricos.

Ahi fica o alvitre. Espero que a excellentissima camara, cujos sentimentos de justiça e equidade são conhecidos, concorde que quando a batuta se levante seja para todos. Tal qual como o sol que illumina a todos — sem distincção de côr politica...

Camara Lima.



(Clichs de A. C. Lima).

Um aspecto

## Politica internacional

O grande acontecimento do dia, que faz passar ao segundo plano todas as outras questões internacionaes, é a crise da chancellaria na Allemanha, em consequencia da dissolução do antigo bloco conservador-liberal a proposito da reforma financeira. A queda do principe de Bülow estava no entretanto prevista desde novembro, quando, por occasião do debate occasionado pela celebre entrevista do *Daily Telegraph*, elle tomou abertamente posição contra o acto do imperador. Guilherme II foi então sufficientemente habil para dissimular o seu resentimento, afim de que o chanceller não persistisse no pedido de demissão, que, dado o estado da opinião publica allemã, teria deixado ficar em má situação perante o paiz o imperador. O principe de Bülow, que n'esse momento podia ter cahido de pé, com todas as honras da guerra, dando á nação além d'isso um grande exemplo, preferio arrastar por mais seis mezes uma vida ministerial, que todos sabiam estar irrevogavelmente condemnada, e cahir agora abandonado por todos n'uma questão em que o Kaiser está inteiramente a coberto, e só elle fica diminuido em prestigio.

De resto este desfecho da sua vida ministerial prova bem (o que aliás por mais de uma vez aqui affirmámos) que o principe de Bülow não era um estadista habil, mas simplesmente um politico habilidoso. Era um «diletante» em politica, como o era em litteratura e nada mais. Orador brilhante, mas superficial; sacrificando muitas vezes uma situação a um dito espirituoso; sem principios definidos e fazendo quasi que gala da sua volubildade, o principe de Bülow devia desaparecer assim da scena, onde por tantos annos foi a figura primacial — *talis vita finis ita*. Sae sem deixar saudades e sem que da sua passagem pelo poder fique um sulco profundo. Dentro em pouco estará esquecido, e não será decerto o veredicto da historia, que corrigirá o juizo que d'elle estão já fazendo os contemporaneos. Que differença entre a queda d'este chanceller de sala e a

mos tempos e perturbado pelo hibrido consorcio de conservadores e liberaes no mesmo agrupamento.

Os socialistas sobretudo só tem a ganhar com a constituição do novo bloco e com a votação dos odiosos impostos de consumo. Vão ter como nunca ensejo para alargarem a sua propaganda, que passará a ser exemplificada com esses milhões arrancados á miseria dos trabalhadores, enquanto que continuarão a ser poupados pelo fisco os ricos e os poderosos. O effeito d'esta propaganda nas massas allemãs será infallivel, de modo que outros serão os que devem colher o fructo do que acaba de se semear com tão pouca perspicacia e tão revoltante egoismo. Demais tem probabilidades de grande duração o pacto entre conservadores e catholicos do centro? Não se nos aligura. A não ser pelo fim commum de se vingarem do principe de Bülow, os interesses dos conservadores prussianos, feudaes e agrarios, e os dos catholicos, democratas em grande parte e representantes dos estados do sul, não pôdem ligar-se facilmente, antes terão occasião de se mostrarem mais uma vez antagonicos.

O actual bloco terá sido apenas um pacto de occasião, condemnado a desaparecer em breve perante a reprovaçào do paiz.

A reacção que elle representa não passará de um incidente transitorio de tactica parlamentar, que no paiz só terá como consequencia o avigorar a corrente liberal e opposicionista.

Mas não é apenas um movimento de reacção, embora temporaria, o resultado da evoluçào que acaba de dar-se no agrupamento dos diferentes partidos no Reichstag. Significação mais alta tem esse

movimento e consequências mais importantes para a vida politica da nação.

Pela segunda vez, desde novembro ultimo, impõe o Reichstag a sua vontade. A primeira foi a proposito da entrevista do *Daily Telegraph*, censurando com unanimidade e severidade sem precedentes o procedimento do imperador e obrigando-o a capitular. E' verdade que, depois de tomar esta attitude, não foi coherente com ella; mas o principio ficou consignado que quando o parlamento se levanta em nome da nação todos teem que lhe obedecer. Foi uma primeira victoria do parlamentarismo, modesta e sobretudo epheme-

e deve estar-se certo de que nunca mais se verá um primeiro ministro governar contra o voto do parlamento, sob pretexto de que o cargo de chanceller depende apenas da confiança do soberano. Tambem o principe de Bülow affirmou isso, e bem emphaticamente, e por fim teve de reconhecer que, embora o imperador lhe não houvesse retirado a confiança, não podia governar contra a maioria do Reichstag.

E' este quanto a nós o principal resultado da actual crise allemã, e o que mais duradora influencia vae ter na politica do imperio, tanto interior como exterior. No dia em que acabar a preponderan-

### Archanjo S. Miguel



Baixo relevo em bronze prateado oxydado

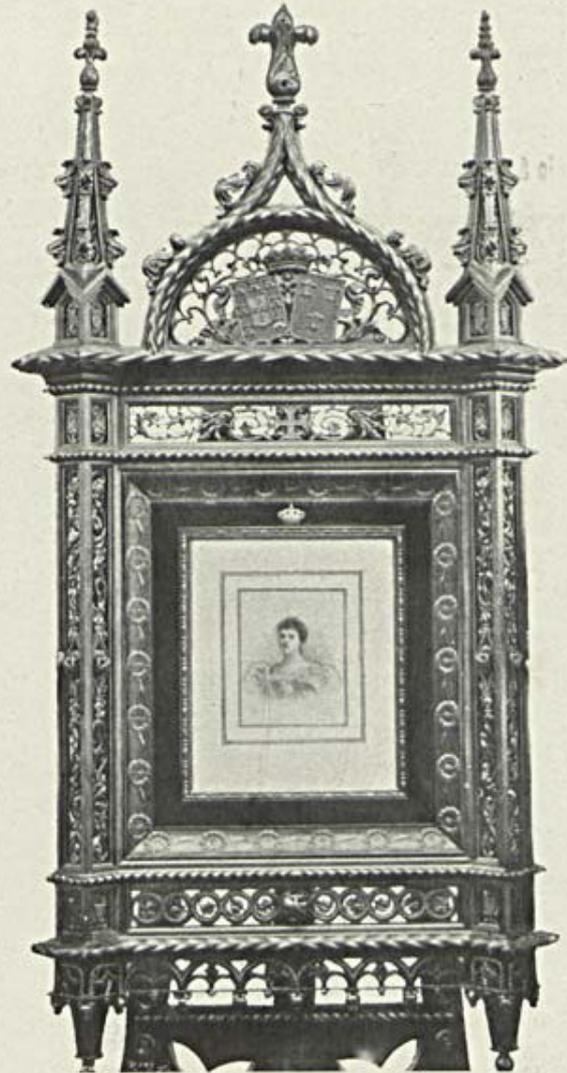
*Este primor d'arte, cinzelado por Leon Clérot, foi expressamente feito na Fundação Indigena, do Rio de Janeiro, para ser offertado ao mallogrado rei D. Carlos na sua visita ao Brasil. Aquella empresa, aproveitando a vinda a Lisboa do socio gerente, sr. Santos Carvalho, resolveu encarregar-o de offerecer o delicado trabalho a S. M. El-Rei D. Manuel.*

*O sr. commendador Santos Carvalho fez já entrega do quadro cuja gravura publicamos, ouvindo n'essa occasião, tanto de S. M. El-Rei como de S. M. a Rainha Mãe que tambem se dignou recebe-lo, palavras de incitamento e louvor á benemerita colonia portugueza do Brasil.*

ra, mas victoria em todo o caso, cuja significação mais é realçada pela nenhuma influencia até ahí exercida pelo Reichstag em assumptos politicos.

Com este precedente accentua-se a importancia da actual revolta da maioria, que acaba de pôr em cheque o governo e o proprio chanceller, rejeitando successivamente todos os impostos apresentados pelo principe de Bülow e approvando outros, a que elle categoricamente se oppunha. Pela segunda vez o Reichstag venceu, impondo o seu modo de vêr.

Em novembro foi o imperador quem se curvou perante a vontade dos eleitos da nação. Agora chegou a vez ao principe de Bülow de a ella obedecer tambem. E' obedece-lhe deixando consignado um principio, que é a condemnação do regimen politico em que até este momento a Allemanha tem vivido. O chanceller sae perante uma votação contraria da maioria, declarando que não pôde sem ella governar. Este exemplo ha-de ficar como norma de proceder para o futuro;



Quadro em talha

*De pau setim, estylo manuelino, encimado com as armas de Bragança e de Orleans. Foi mandado fazer no Rio de Janeiro, pelo Conde de Avellar para ser offerecido a El-Rei D. Carlos por occasião da sua projectada viagem ao Brasil.*

cia do poder executivo sobre o poder legislativo na Allemanha, terá a politica do paiz deante de si rasgados de par em par novos horizontes de tranquillidade e progresso.

..

Qual será a influencia que a crise do bloco e a crise da chancellaria vae ter sobre a politica externa da Allemanha, e sobre a questão do desenvolvimento do programma naval? Para desde já não é provavel que a orientação actual seja fundamentalmente affectada pela sahida do principe de Bülow. O deficit vae enfim ser coberto com os novos impostos, e por consequencia não ha razão para que o programma naval se não cumpra. Estamos mesmo persuadidos de que esse programma vae ser augmentado, visto que o governo está temporariamente desafogado de difficuldades financeiras. Mas o equilibrio orçamental, dado mesmo que com os novos impostos se obtenha, do que muitos com bom fundamento duvidam, estará dentro em pouco convertido em deficit chronico, porque a loucura dos armamentos navaes cada vez exige mais sacrificios e não ha receitas, que possam sazial-a. De modo que d'aqui a alguns annos será necessario outra vez recorrer a aggravamento de impostos, com o argumento de que elles são indispensaveis ao prestigio do imperio e

**Grupo da familia real hespanhola tirado nos jardins do Palacio da Granja depois da cerimonia do baptisado da infanta  
D. Beatriz, ultimamente nascida**



*Infante D. Luiz Filipe, infanta D. Isabel, infante D. Affonso, rainha D. Maria Christina, S. M. El-Rei D. Affonso XIII, principe das Asturias, prinzeza D. Beatriz, prince D. Filipe, infanta D. Eulalia, principe D. Remero, infanta D. Maria Theresia com o infante D. Jacque nos braços, infante D. Fernando, archiduque Fraterico e infante D. Carlos*

# O actual ministerio brasileiro



Barão do Rio Branco  
*Ministro do exterior*



Dr. Leopoldo de Bulhões  
*Ministro da fazenda*



Alexandrino de Alencar  
*Ministro da marinha*



Esmeraldino Bandeira  
*Ministro da justiça*



Carlos Eugenio  
*Ministro da guerra*



Dr. Candido Rodrigues  
*Ministro da agricultura*

à defeza dos seus interesses. Como responderá a nação a este apello?

Parece-nos porisso que, embora de momento a influencia da queda de Bülow não deva ser apreciavel na politica externa da Alemanha e na questão dos armamentos, a lição que encerra a dupla crise alemã não tem de ser perdida para a orientação da politica geral do imperio, que não pôde indefinidamente estar a exigir sacrificios à nação como os de agora...

CONSIGLIERI PEDROSO.

## Centenario da Guerra Peninsular

Do sr. Marquez de Chaves recebemos a seguinte carta:

... Sr.

Director da Revista, *Brasil Portugal*

Lisboa, 23 de julho de 1909.

Tendo lido na magnifica revista de que V. é intelligente director, o artigo que trata da Guerra Peninsular e em que V. publica o retrato do sr. Bernardo da Silveira Pinto da Fonseca, ao qual chama representante do 1.º conde de Amarante, permitta-me V. que conteste tal direito ao pretendente, porque existindo um marquez de Chaves, ne-

pae o marquez, em morgados, vinculos e nobreza, como que de legitimo matrimonio nascida fora, o que assim aconteceu; essa senhora chamou-se D. Maria da Soledade da Silveira Pinto da Fonseca, que foi casada com seu primo co-irmão Francisco da Silveira Pinto da Fonseca, 2.º filho dos 1.ºs viscondes de Varzea. D'esse casamento houve um filho unico, que foi meu pae e que se chamou Manuel da Silveira Pinto da Fonseca, que casou com D. Maria do Carmo Osorio Culmieiro da Veiga Cabral Caldeirão; d'este casamento houve os filhos seguintes: — Francisco José (a), Antonio e Maria Maximiana.

Aqui tem, sr. director da Revista *Brasil Portugal*, as razões claras porque eu venho pedir a V. uma rectificação no seu bello artigo acerca da Guerra Peninsular.

Como V. vê não tenho culpa em me encontrar n'este valle de lagrimas, obedecendo por esta forma ás leis da natureza, sendo filho de meu pae; mas outro tanto não acontece ao sr. Bernardo da Silveira, que faz altos esforços para as alterar, chegando mesmo, segundo parece, a ter desgosto de não ser meu irmão, pelo que lhe não dava os parabens, pois seria para elle um profundo desespero ver o que hoje é seu filho, então, contestar-lhe os seus legitimos direitos.

Terminando, peço a V. a publicação d'esta carta, pelo que muito lhe agradece o que é com toda a consideração

De V. etc.

*José Culmieiro da Silveira Pinto da Fonseca.*

2.º marquez de Chaves.

(a) Por meu irmão Francisco me ter cedido todos os seus direitos à representação, fui eu agraciado por decreto de 21 de março de 1905 com o título de marquez de Chaves.

## Centenario da Guerra Peninsular



No Porto. — Inauguração da lapide commemorativa da entrada no Porto do exercito anglo-luso em 12 de Maio de 1809 afim de desalojar as forças do marechal Soult que occupavam a cidade. Esta lapide ficou collocada no cunhal do predio onde está o Collegio dos Orphãos (Cliché de J. Benoit).

nhum outro terá o direito de representar esse titular, pois até hoje e em todos os paizes, são os filhos que representam os paes. Ora o 1.º conde de Amarante teve dois filhos: um foi Manuel da Silveira Pinto da Fonseca, que foi o 2.º conde de Amarante e o 1.º marquez de Chaves, outro, foi D. Marianna da Silveira Pinto da Fonseca, que pelo casamento com seu primo Bernardo da Silveira Pinto da Fonseca, foi a 1.ª viscondessa de Varzea; o 2.º conde de Amarante é 1.º marquez de Chaves casou com D. Francisca Xavier Telles da Silva, de quem não houve filhos, mas existiu uma filha natural do marquez, foi por estes legitimada por um decreto regio, que lhe deu com toda a clareza o direito de succeder a seu

## Os costumes dos beduínos

Os usos d'estes povos são em quasi tudo diametralmente oppos tos aos nossos.

Montam a cavallo do lado direito.

Escrevem da direita para a esquerda.

Trazem o sabre de modo que o lado concavo fica virado para fóra.

Rapam os cabellos da cabeça e deixam crescer os da barba.

Assentam-se sobre os calcanhares que lhes servem de cadeira.

Comem o pão quente ao sahir do forno, a carne fria e o caldo no fim de comer.

Quando nós entramos n'uma casa, tiramos o chapéo; elles tiram o calçado.

As nossas lavadeiras lavam com as mãos, e as d'elles com os pés, calcando a roupa dentro de uma pia até se fazer branca.

*Conde de Amarante*

Fac-simile da assignatura do marechal Silveira, 1.º Conde de Amarante

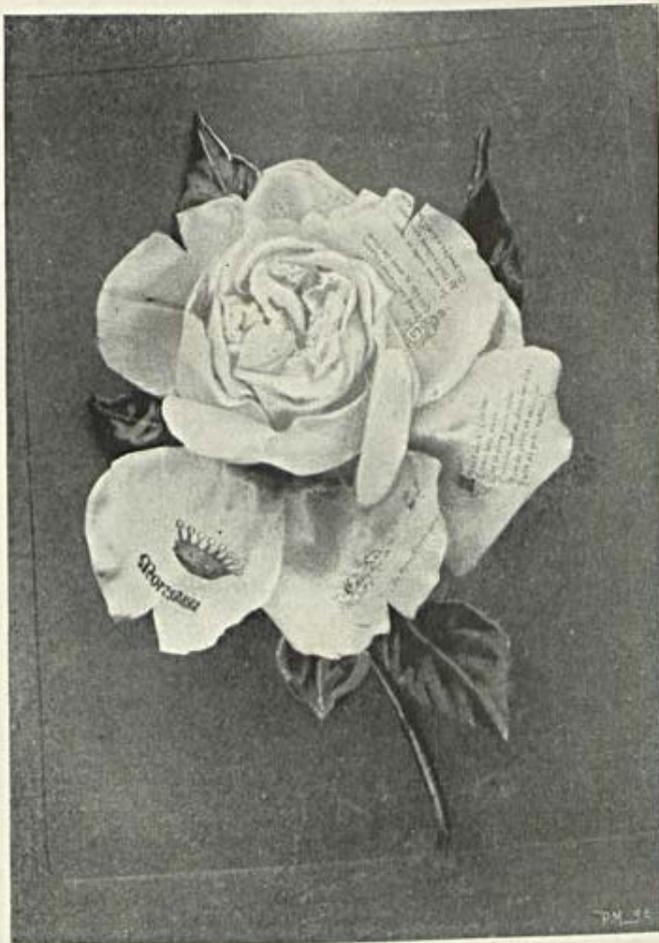


Alfredo Marçal Brandão  
distinto florista português

Sobe em revoadas de versos  
Presa aos aromas dispersos  
Que são as vozes das flôres...

Só ouvem cantar as rosas,  
As tristes almas anciosas:  
Os poetas e os sonhadores.

Conde de Monsaraz.



Rosa de setim com poesia do Conde de Monsaraz  
«Canções das Rosas» da «Musa Alemtejana» tendo n'uma das petalas  
a corôa d'aquelle titular

(Este trabalho exposto no Palacio de Christal em Maio ultimo obteve a medalha d'ouro.)

## CANÇÕES DAS ROSAS

Rosas d'Abril! Cada rosa  
E' uma bôca viçosa  
Que se abre para cantar  
Canções que a alma, com ellas,  
Tem de subir ás estrelas,  
Para as poder escutar



Rosa e martyrio

Dedicado às victimas de Benavente, tendo n'uma das petalas  
o brazão d'esta villa e diversas inscrições nas outras

(Este trabalho mereceu tambem a medalha d'ouro na exposição do palacio  
de Christal.)

## O gesto dos oradores

Um jornal francez propunha recentemente que se fizesse um inquerito sobre os gestos habituaes dos melhores oradores.

Esse inquerito deveria ser divertido, pois que os principes da palavra quasi todos têm a sua mania; uns, passeiam; outros, balouçam-se; alguns agitam a cabeça; este bate no peito; aquelle brinca com o lapis; ess'outro torce e destorce a corrente do relógio.

Um ministro da Restauração, em França, Corbière, tinha a mania de esvasiar as algibeiras.

Um dia, falava diante do rei, no conselho de ministros, e começou por tirar d'um bolso uma caixa de rapé.

D'ahi a pouco, d'outro bolso, tirou o estojo das lunetas, depois uma velha carteira ensebada e rota...

Por fim, como o discurso era comprido, puxou d'uma algibeira um grande lenço tabaqueiro.

Luiz XVIII não pôde suster-se e disse-lhe:

— Corbière, você ainda acaba por despejar as algibeiras todas que tem...

E o ministro, sem perder o sangue frio, retorquiu-lhe:

— Sire, antes despejá-las do que enchê-las!

O rei sorriu e Corbière, retomando o fio do discurso, continuou a esvasiar os bolsos.

## O marquez de Pombal e a sua epoca

**D**amos hoje um interessantissimo excerpto do livro que tem aquelle titulo e que acaba de sahir dos prelos da Livraria Classica Editora de A. M. Teixeira & C.<sup>ta</sup>. Firma-o o nome do sr. João Lucio de Azevedo que n'um livro anterior: *Os Jesuitas no Grão Pará*, tinha revelado subida competencia para este genero de trabalhos historicos.

*O marquez de Pombal* é um volume precioso, aquelle sem duvida em que hoje mais e melhor documentada se encontra a vida politica, diplomatica, estadistica do grande marquez. E' um trabalho condensado em cerca de quinhentas paginas, consciencioso, honesto, util, repassado aqui e alli de uma critica individual toda deduzida dos factos historicos e feita á luz de um criterio imparcial, são e justo.

A litteratura e principalmente á Historia Portugueza prestou o auctor um serviço que merece mais do que louvores: agradecimentos. Tambem pela nossa parte lhe agradecemos a offerta e a amavel dedicatória do seu livro.

### O acabar

I. O marquez de Pombal arguido de concussionario. Accusado de actos de alta traição. De irreligiosidade e de ter embarçado o casamento real. Sae do carcere o seu inimigo Encerrabodes. José de Seabra volta do exilio. O que se passou com o bispo de Coimbra. — II. Famoso processo da *lesão enormissima*. Aparecem as *Cartas Inglezas*. O Desembargo do Paço pronuncia-se sobre o processo. — III. Interrogatorio do marquez por ordem da rainha. A enfermidade. Derradeira e lastimosa scena do inquerito. — IV. Insufficiencia das explicações no interrogatorio. Culpas do visconde de Villa Nova de Cerveira e do conde de S. Lourenço. De Diogo de Mendonça Corte Real. De José de Seabra. Do desembargador Mascarenhas Pacheco. — V. Padecimentos agravados e apprehensões tristes do marquez. Prepara-se a rehabilitação dos Tavoras. Os jesuitas pretendem a sua. Cruciante martyrio do enfermo. — VI. A rainha pronuncia a condemnação de Pombal. Os ultimos dias e a morte.

I

Emquanto o decahido ministro se debatia no exilio contra os multiplos ataques de credores avidos, e as retalições d'aquelles que, por actos seus de ganancia, se sentiam prejudicados, na córte, proseguia a preparação das represalias politicas, que o desforço pessoal de muitos exigia, e a aversão publica ao tyranno por bem cabidas esperava. A grita sobre o despota, contra quem tantas victimas testemunhavam, juntavam-se apodos de prevaricador, que diziam enriquecido a defraudar o rei e a nação. E as accusações, por infundadas que em parte fossem, e suggeridas, acima de qualquer outra



Auroras

razão, pelo odio, tinham as apparencias a justificar-lhes a sinceridade. A casa sumptuosa de Oeiras; a da rua Formosa e os predios de renda na capital, entre esses as valiosas tercenas, armazens á margem do Tejo, occupados com provimentos do Estado; as quintas de Oeiras e Pombal; em variss outros logares, mais quintas, terras e casaes, entrando na conta os bens do morgado de Carvalho, dis-

putados em vão pelo tio arcipreste ao conde de Athouguia, e em que o ministro se fizera investir poucos dias passados da execução d'este ultimo; tudo isso manifestava a opulencia actual do fidalgo, que, mesquinho de consideração e de haveres, a rainha Mariann de Austria, condoida da sua patricia, mulher d'elle, levantara a secretario de estado, e d'ahi ao fastigio do poder e das grandezas.

Com tantos bens patentes a denunciarem a riqueza, intimado a solver dividas de longa data, invocava a estreiteza de cabedal. Com isto se pensou que teria dinheiro occulto. Corria que nos bancos de Hollanda, por intermedio de seus protegidos, os contratadores, ha-



Antonio Julio de Sousa

*Distincto militar e funcionario dos correios e telegraphos  
ha pouco fallecido em Coimbra na avançada idade de 82 annos*

via depositado milhões. De offerendas e concussões que lhe attribuiam, diziam-se estranhas coisas; eram as quantias fabulosas. Só da Companhia dos Vinhos, a 18200 réis de cada pipa, em setenta mil que ella vendia por anno, cabiam-lhe 210 mil cruzados. Em 1772, allegavam, já a verba attingira 1:050 contos de réis. Na quinta de Pombal, e casas de clientes de Carvalho, fizeram-se buscas. Elle, do seu retiro, moteja dos «thesouros de moura encantada, que suppuzeram mandados para Hollanda, que fingiram enterrados e descobertos»<sup>1</sup>. E diz, com desdem, dos que em thesouros falavam: «Tomaram para assumpto do erario real, o contrato dos diamantes, o dos tabacos, e a companhia do Douro, parecendo-lhes que era impossivel que eu deixasse de ter mettido n'aquelles ricos cofres as mãos até aos cotovellos.» Em seguida, com amargura: «Se lhes deixei os logares, não havia motivo para me atacarem com o objecto de succederem n'elles»<sup>2</sup>.

Sob o peso de imputações tão graves, cumpria-lhe illibar-se perante a rainha, talvez primeiramente ante os filhos, julgadores que, para as almas em que existe um lampejo de nobreza, foram sempre os mais temidos. Com esse fim compoz uma *Representação apologetica*, para o conde de Oeiras levar ao paço, «entendendo — dizia — que enquanto se não justificasse na real presença, não podia apparecer sem pejo na dos filhos, parentes ou amigos». Na representação julga seguir o exemplo do duque de Sully, e provar com a defesa muito mais do que elle a seu respeito provou.<sup>3</sup>

Todavia, nas confidencias ao conde de Oeiras, é menor a sua tranquillidade, e apparece um receio, porventura rebate de consciencia, que lhe abala a primitiva segurança. «E' certissimo que eu, nem do contrato do tabaco, nem dos diamantes recebi um vintem; — maisnavam-no de ter arrematado o do tabaco por menos 250:000 cruzados da offerta que havia, — nem dos livros de administração dos ditos contratos consta que eu d'elles percebesse o menor interesse. Lembra-me, porém, duvidar se havia alguma terceira pessoa que, vendendo fumo aos ditos contratantes, recebesse d'elles consideraveis ganhos de dinheiro, debaixo do falso pretexto de que os recebia para m'os entregar.»<sup>4</sup> E inquieto, manda indagar, na medida do possivel e com prudencia, o que teriam declarado, no inquerito que a proposito d'isso houvera, os irmãos Caldas, Polycarpo José Machado, Anselmo José da Cruz, Gerardo Wenceslau, que eram os financeiros da confiança do governo, os felizes a quem tocava o lucro dos monopolios, dos rendosos negocios, contra os quaes bradava o povo, e que o ministro patrocinava. O receio seria o proprio que Pombal revelava, ou viria da presumpção, aliás improvavel, de terem os seus amigos indiscretamente trahido algum segredo de mutuos favores?

Na justificação, Pombal expunha longamente o estado da sua fortuna, os meios pelos quaes a tinha adquirido: successão do tio Paulo de Carvalho, fundador do morgado, primeiro homem rico da familia; heranças de dois irmãos; administração rigida, economia constante, rendimentos accumulados por muitos annos; em derradeiro os seus ordenados e as rendas havidas por doações reaes. Das edificações em Lisboa estava devendo parte, e, confessando outras dividas, verifica-se que mais de metade não venciam juros, por benevolencia extranha dos prestadores; dividas de longa data quasi todas, a prestações suaves, e algumas de que elle proprio concorda haver

## *Assumpptos coloniaes*

**NO GOLUNGO ALTO** — Uma visita á fazenda Boa Esperança

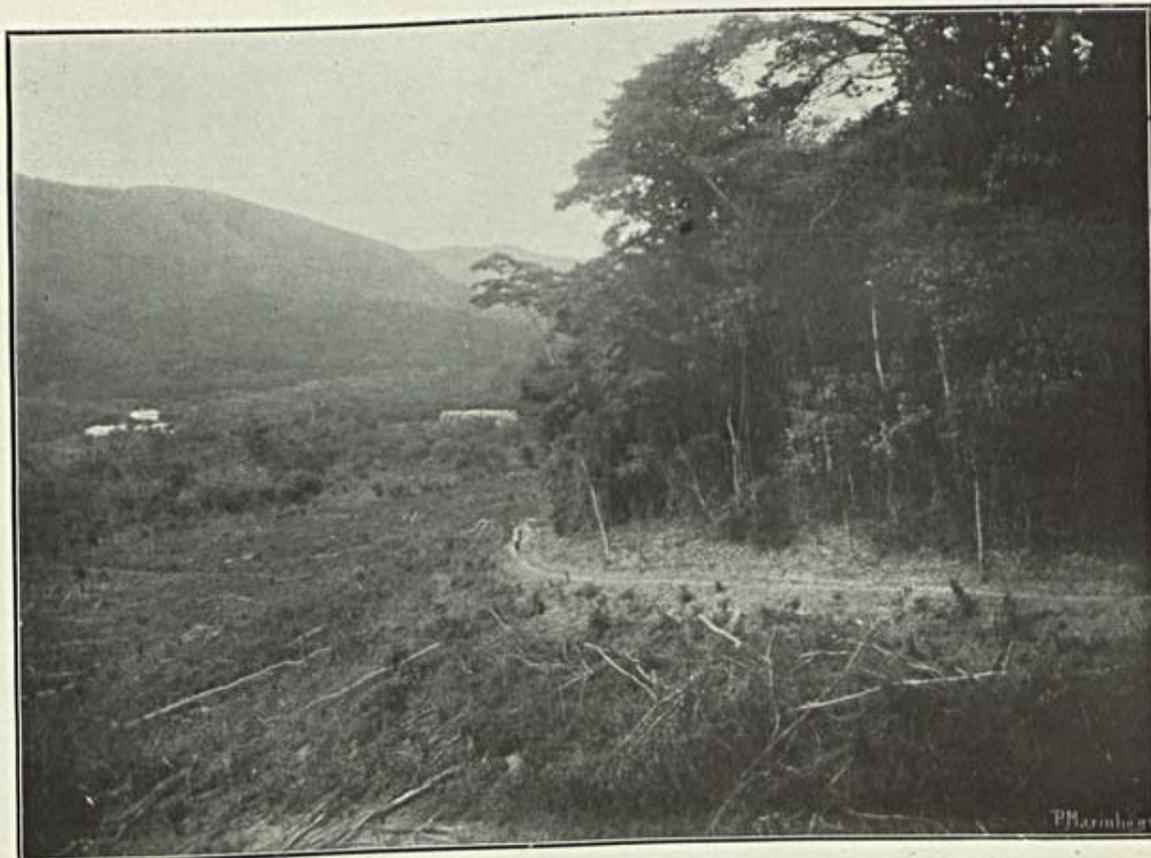


*No primeiro plano, da esquerda para a direita:*

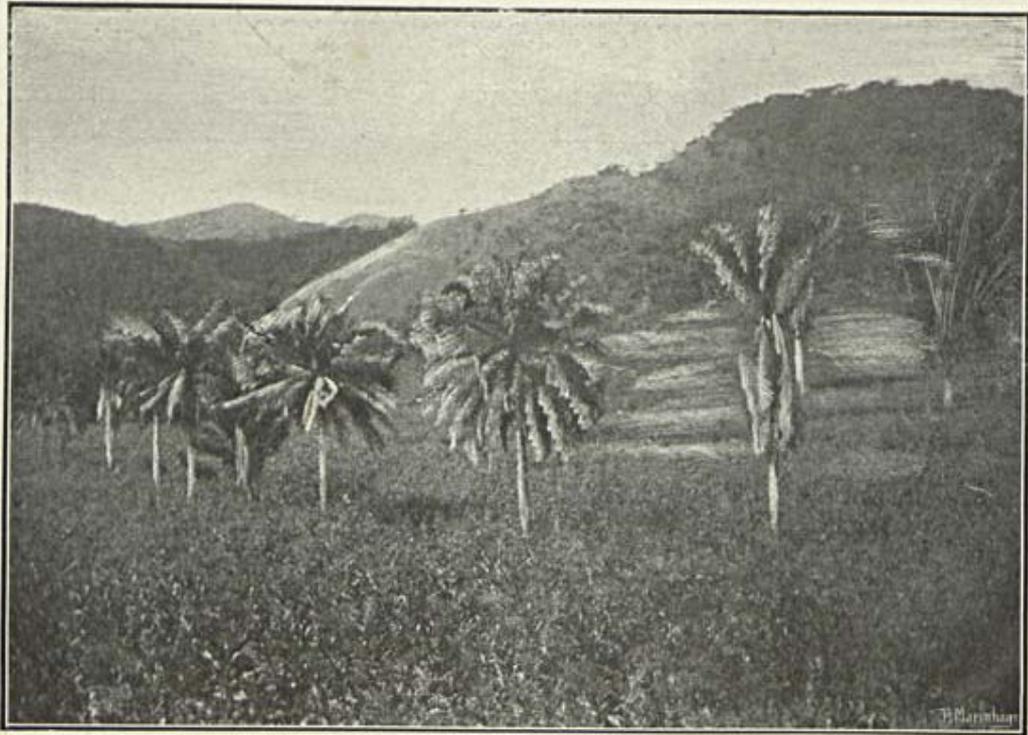
*Desiré Van Nitsen, administrador da fazenda, dr. Antonio da Cruz Rodrigues dos Santos, delegado de saude do concelho, Jules Everaert, agente de La Luinha, padre José da Costa Senra, parochco do Golungo. No segundo plano: Antonio Corrêa Casianheira, commerciante e correspondente do «Brasil-Portugal»*

perdido a lembrança, tamanha fôra a liberalidade dos crêdores, que no desvalimento agora lh'as vinham reclamar.  
E a faina dos accusadores continuava. Não sômente concussiona-

rio, traidor á patria tambem. Criminavam-no de ter offerecido á Hespanha a cabeça do marquez de Lavradio, vice-rei do Brasil, para obter a paz; de ordenar a entrega da praça de Almeida em 1762, da



**No Golungo Alto.** — UMA VISITA Á FAZENDA BOA ESPERANÇA — *Aspecto geral da fazenda*



No Golungo Alto. — UMA VISITA À FAZENDA BOA ESPERANÇA — Plantações

ilha de Santa Catharina em 1777.»<sup>5</sup> D'esta e de outras imputações se defendeu em diferentes apologias, «que tenho escripto — dizia — sobre cada uma das calumnias que a ingratição e a inveja espalharam contra mim no grande povo de Lisboa depois da minha ausencia»;<sup>6</sup> e, ora rebatia os que lhe assacavam a pecha da irreligião e odio ás ordens monasticas, ora replicava aos que o inculpavam de se haver opposto ao casamento do infante D. Pedro. Repellia os ataques em materia de crença, citando factos publicos, que demonstravam a sua devoção, e clamando que «a maior affronta que se pode fazer a um homem christão e honrado é a de o infamarem de irreligioso»;<sup>7</sup> ou então, no outro assumpto, não menos delicado da inimizade á gente de habito: «Em quasi todas as horas do dia e muitas da noite, se achavam em minha casa alguns religiosos, com os quaes me entretinha nos intervallos das minhas fadigas ministeriaes, parecendo-me que a sua conversação era a mais innocente, a mais instructiva, e a menos arriscada. Poucos dias da semana me assentava á mesa para jantar, sem ter por commensaes, e receber n'ella com grande prazer alguns religiosos graves». Com isto acaba de ruir a lenda do livre pensador, — *libertino* se dizia na época, — discipulo de Voltaire e do barão de Holbach, inimigo da Igreja e da crença catholica, porque o era da companhia de Loyola.

Quanto ao casamento, defendia-se atirando com desplante aos seus costumados adversarios a accusação. Os jesuitas é que divulgavam ser o principe impotente, rematando por esconderem a dispensa papal do parentesco, pedida por D. João V, e que em 1760 se foi achar no convento de S. Roque, entre os papeis do padre Carbone, facto não extrahavel, sendo elle o confidente do soberano, a cuja morte a sua pouco espaço precedeu.

Os fidalgos, que sabiam das masmorras, publicavam que se tinha procurado arrancar-lhes testemunhos contra a rainha viuva e o rei D. Pedro, no sentido de que ella favorecia a politica da Hespanha, e ambos conspiravam contra a auctoridade de D. José.<sup>10</sup> Em longo e frouxo arazoado, mais uma vez respondia, e com estes escriptos, na apparencia dirigidos aos filhos, mas destinados a serem vistos pelas pessoas influentes, pelos ministros e pela rainha, tentava confundir os inimigos, e desviar a tormenta que cada vez mais imminente se annunciava.

Dos degredos distantes, dos ergastulos, onde como em tumulo encerrara tantos adversarios, appareciam, inspirando-lhe terror e raiva, os mais detestados. Encerrabodes, que o alcunhara de Satanaz quando, em 1750, D. José o fizera secretario de estado, e a quem não perdoava o ter-lhe arrebatado a embaixada de Londres, ancião como elle, sahia do carcere para o Desembargo do Paço, e teria, quem sabe? de o julgar algum dia, não remoto. José de Seabra, que voltava do exilio, com honras destinadas a reparar o allrontoso trato que recebera, a injusta demissão e degredo para o mais inhospito sertão de Angola. A esse considerava «o mais vil, mais ingrato, mais perfido e mais infame homem, entre os d'estas perdidas qualidades, que se lêem nas historias para escandalo e aviso dos leitores.»<sup>11</sup> E o receio que este redivivo lhe inspirava bem se collige das palavras seguintes: «José de Seabra dizem todos que vem desesperado e blas-

phemo... será mais um touro na praça, que marre com os olhos fechados.»<sup>12</sup>

Tambem com inquietação vira ainda restituído á sua diocese, no

No Golungo Alto. — UMA VISITA À FAZENDA BOA ESPERANÇA  
Uma rua de palmeiras



No Golungo Alto. — UMA VISITA À FAZENDA BOA ESPERANÇA — Cachoeira do rio Luinha

meio do applauso publico e com reputação de santo, o bispo de Coimbra, cuja liberdade elle proprio tivera de ordenar, horas antes da morte de D. José. Não cabia, porém, o appetite da vingança no coração do prelado, tanto mais que o seu duro perseguidor já perante elle se humilhara. Foi o caso que, andando elle em visita à diocese, chegando a Pombal, o marquez o mandou logo cumprimentar pelo ouvidor, seu dependente, e depois lhe foi em publico pedir a benção, não se pejando de tributar veneração tal áquelle mesmo que, por inimigo publico, fanatico e incapaz do seu ministerio, enviara a perpetuo carcere. A respeitosa demonstração correspondeu o bispo, indo a casa visital-o. O successo causou estrondo em Lisboa, a ponto que o exilado cuidou necessario justificar-se do proceder, que muitos qualificavam de hypocrita. N'este intento, escreveu ao filho a explical-o: «Deves saber que eu fui muito obrigado ao conde de Povolide, pae do bispo, e a seu irmão o cardeal Nuno da Cunha. Que tive a maior amizade com o conde Luiz da Cunha, irmão do bispo de Coimbra. Que tive sempre este prelado por um *sincerissimo e bonissimo pastor*. . . Que tudo isto me fez sentir muito amargamente que o precipitassem no absurdo politico da pastoral, que toda a Mesa

Censoria, toda a Mesa do Desembargo do Paço, e todo o Conselho de Estado, julgaram que o tinha feito réo do crime de lesa-majestade. Que á secretaria de Estado, a que então presidia, só coube a expedição das ordens régias, que el-rei determinou ultimamente no mesmo Conselho de Estado. . . Que logo que o senhor rei D. José, que Deus chamou ao céu, declarou que lhe perdoava, fui eu o que gostosa e promptamente lhe expediu as ordens de soltura.»<sup>1</sup> A sahida, finda a visita, Pombal, de passo tremulo, acompanhou o bispo por toda a escada abaixo até entrar na liteira. Chovia fortemente. De cabeça descoberta, na rua, o velho desterrado curvava-se para receber, com a benção de adeus, alguma palavra de conforto d'aquelle a quem perseguira. Não precisava a mansidão do bispo de maior vingança, nem o orgulho de um despota podia ter maior castigo.

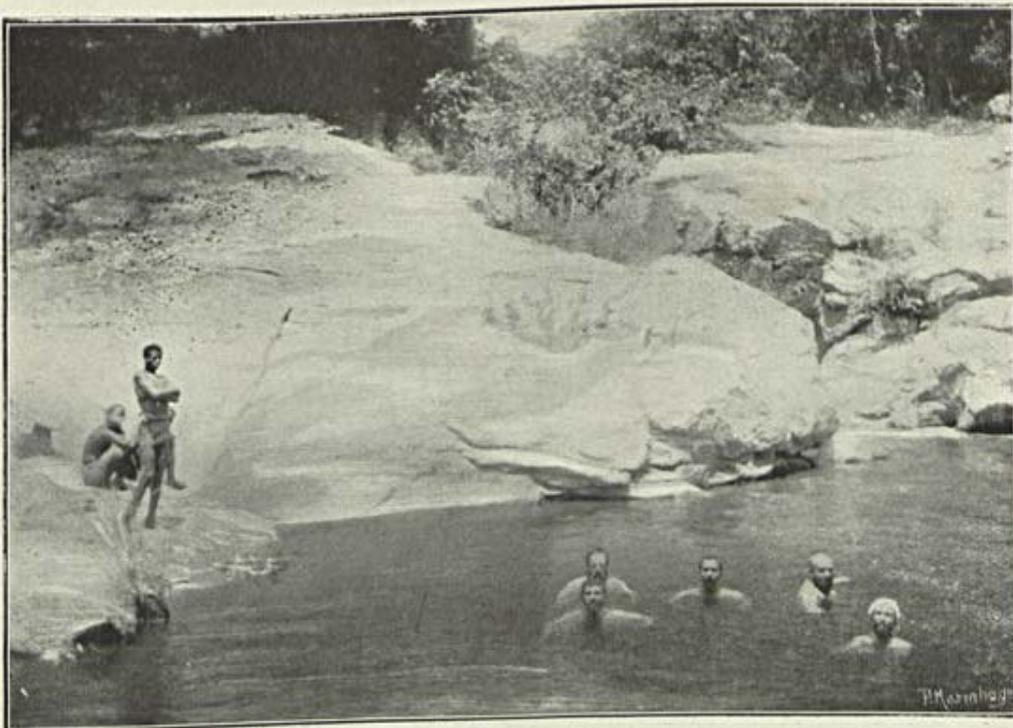
(Continua).

João Lucio.

<sup>1</sup> 1 junho 1777.

<sup>2</sup> 31 maio 1777.

<sup>3</sup> Carta ao Morgado de Oliveira, 2 abril 1777. Z. BRANDÃO, Pombal, 60.



No Golungo Alto. — UMA VISITA À FAZENDA BOA ESPERANÇA — Pescaria no rio Luinha



*O pianista Raymundo de Macedo  
que está fazendo successo no Rio de Janeiro com os seus brilhantes concertos. No seu gabinete de trabalho*

<sup>4</sup> 6 junho 1777.

<sup>5</sup> Apologia decima quarta: «Confutação das duas miseráveis calumnias de de que a praça de Almeida e a ilha de Santa Catharina foram entregues aos castelhanos por ordem particular do marquez de Pombal.» Coll. Pomb., Cod. 695, e tambem impressa.

<sup>6</sup> Summario das apologias. Coll. Pomb., Cod. 695.

<sup>7</sup> Apologia terceira: «Sobre a calumnia da irreligião.» Coll. Pomb., Cod. 695, e tambem Z. BRANDÃO, *Marquez de Pombal*, 43.

<sup>8</sup> Apologia quarta: «Sobre a calumnia da aversão ao estado monastico e aos religiosos n'elle dedicados a Deus.» Coll. Pomb., Cod. 695. Tzaslado em parte por Z. BRANDÃO, obra cit., pag. 48.

<sup>9</sup> Apologia quinta: «Sobre a calumnia de que demorei os feliçissimos desposorios da serenissima senhora princeza do Brazil.» Coll. Pomb., Cod. 695. Vej. *Provas da Deducção chronologica*. Parte I, n.º LVI.

<sup>10</sup> Apologia duodecima: «Sobre a união e colligação que entre si fizeram

os presos que sahiram do forte da Junqueira, e sobre a temeridade sacrilega de affirmarem que se lhes tinham feito perguntas tendentes a haver sido auspeita no espirito do senhor rei D. José a sagrada fidelidade de sua augustissima esposa e de seu serenissimo irmão. Escripção *ad perpetuam rei memoriam*. Coll. Pomb., Cod. 695.

<sup>11</sup> Carta ao conde de Oeiras, 21 maio 1774.

<sup>12</sup> Ao mesmo, 10 agosto 1778. A consciencia vingadora enganava-o. Seabra ignorava o odio de que era victima, e que fóra Pombal o artifice da sua perda, attribuida por elle ao cardeal da Cunha. Tanto assim que, ainda muitos annos depois, escrevia: «O senhor Marquez de Pombal não foi o auctor da minha desgraça, foi executor por infelicidade sua e minha.» (Carta confidencial ao conde de Rio Maior, escripção em 1802. *Elogio de José de Seabra* pelo marquez de Rezende, pag. 58.)

<sup>13</sup> 3 janeiro 1778. Coll. Pomb., Cod. 714 — publicada tambem por Z. BRANDÃO, op. cit., pag. 100.



*Raymundo de Macedo ao piano*